

nar do tom da alta eloquencia, por vezes poetica e sempre digna de silenciosa attenção.

Quiz-me parecer que o illustre escriptor não teria sido sempre assim. Depois me affirmou um conterraneo d'elle que Ignacio Pizarro, uma vez alcançado por enorme angustia que todo coração lhe trespassára, introvertera-se largo espaço em exultação tristissima, e, quando voltara a sociedade, se havia operado n'elle um reverter de idéas, cuja expansibilidade violenta rompia n'aquelle fallar incessante, nem sempre bem concertado.

Eu, por mim, não pude entrever momentos meos lucidos na sua vertiginosa eloquencia.

Contou-me largamente da sua vida politica e litteraria, gloriando-se de alguns actos obscuros da sua missão em côrtes e remoçando por momentos em recordações dos jubilos de poeta, que prendiam á idade propria d'elles. Pertenciam a este periodo de contentamento, amor e gloria, alguns poemas francezes de sua lavra que me recitou com emphase e estremecimentos de saudade, porventura. A mim dava-me para sentir mais pena do que admiração, ouvindo-o. Não havia despintar-se-me do espirito o retrato do author do *Romanceiro* — o meu poeta dos quinze annos. Aquelle que ali estava recitando versos juvenis figurava-se-me que tinha do outro apenas algumas memorias, o nome e a suprema desgraça de recordar-se.

Cultivei com esmerada solicidade a amisade d'este estimavel cavalheiro nos poucos dias que convi-

vemos na floresta, em Braga e no Porto. Por aquelle tempo me affirmaram que Ignacio Pizarro se casava com uma dama bracarense na flor dos annos. Isto contristou-me, por ver que assim o distincto escriptor ia justificar os que duvidavam da sanidade do seu entendimento. Com melindroso disfarce e muito por leve toquei o assumpto. Ignacio Pizarro sorriu-se de um modo triste. Pareceu-me ser aquelle sorriso a linguagem do coração que chorava.

Deteve-se o poeta no Porto até fim de dezembro d'aquelle anno de 1864. Em principio de 1865 me escrevia de Chaves:

«... Em hora má comecei a minha jornada a 23 de agosto. Era uma terça-feira e vespera de S. Bartholomeu. O epilogo foi a vinda de Villa Real para Chaves em uma liteira, a unica de Traz-os-Montes em serviço activo. Que liteira! As cortinas não uniam; o vento coado por cima da neve cortava-me a cara. Os caminhos, desde o Amezio, eram precipicios, atoleiros e abysmos. E além de vir doentissimo, vinha só: não tinha um Antonio Joaquim, nem eu era C. C. Branco¹. Dois dias de liteira, só, em dezembro, por caminhos intransitaveis e retalhado de dôres! Dei a satanaz o ministro das obras publicas (bom presente!) que nos deixa moer os ossos e esvasiar as bolsas. Por nove leguas de liteira seis libras! Viaja-se a Europa

¹ Allusão á novella «Vinte horas de liteira.»

«com pouco mais, acho eu. Eu quizera poder parodiar a imprecação de Camilla nós «Horacios» de Corneille, para a lançar á face do governo.

Quizera ver os ministros
 Mettidos n'uma liteira,
 Ouvindo os guizos sinistros
 Na descida da Gralheira.
 Quizera vel-os transidos
 De susto, horror e de frio,
 N'uma liteira mettidos,
 Atravessando o Mesio.
 Quizera ver despenhada
 A liteira... Oh! isso não!
 Bastava vel-a atolada
 E elles na lama... onde estão. etc.

Ao mesmo tempo que assim gracejava metricamente, contorcia-se o poeta em dôres lancinantes. «Tenho a desventura de me parecer com Montaigne sómente pela natureza das dôres que o mataram e me vão matando» — me dizia Pizarro, sentindo como o moralista francez os tormentos incuráveis da cystite.

Bosquejei n'esse tempo a biographia do estimado escriptor ¹. Encontrei os seus primeiros ensaios no *Panorama* de 1838, em um romance intitulado *Mestre Gil*; e na *Revista litteraria do Porto* um artigo chamado *Memorias do dia 28 de dezembro de 1838*.

Como dramaturgo distincto entre os da escola

¹ «Esboços de apreciações litterarias». Porto 1865.

d'aquelle tempo, produziu *Lopo de Figueiredo ou a côrte de D. João II e Diogo Tinoco*. No theatro do Porto foi muito visto e applaudido o drama *Henriqueta ou o proscripto*. N'este ultimo, em verso heroico, vingou o author caprichosamente manter as tres unidades aristotelicas, n'uma crise revolutiva de toda a legislação antiga, quando os conjurados levavam Garrett como caudilho. O esforço para tanta ousadia influira-lh'o a leitura conscienciosa dos classicos francezes, dilectissimos amigos da sua mocidade.

O primeiro tomo do *Romanceiro* appareceu em 1841. Foi entusiasticamente apreciado este livro de doutos e indoutos, sem que os descuidos e incorrecções lhe desluzissem o valor. Era livro para damas, todo de proesas e amores. Nascera, por isso, bem fadado e com todas as estrellas a influir-lhe prosperidades. Era livro tambem para os entendidos, pois que florecera com seiva de historia patria e todo se envidava em não desdizer das chronicas, romanceando os lances de summo patriotismo realçados por tristezas de tragedia, bons para ganhar os corações, onde o espirito se não saboreasse.

Em 1845 saiu de estampa o segundo tomo, igual no merito e no acolhimento.

Lembrei-me na precipitada biographia o *Engentado*, romance em prosa que o sr. Ignacio Pizarro publicou em 1846, e o *Cantaro de Agua* e *A filha do sapateiro*, comedia que aprazivelmente lemos no *Pirata*, periodico litterario do Porto. Não me es-

queceu então attribuir ao insigne litterato as primeiras tentativas do folhetim humoristico publicadas anonymamente na *Revolução de Setembro* de 1841 com o titulo *Scenas da historia contemporanea*.

A novidade, o assumpto e a graça d'aquellas satyras urbanas, e ao mesmo tempo picantes, deram ao author o renome que sete annos depois, por egual motivo e analogia, celebrou os folhetins tão apregoados do actual visconde de Soutto Mayor no *Estandarte*.

Em assumpto politico não temos noticia de obra sua, salvo o *Memorandum de Chaves*, historia do movimento popular de 1846, em que o sr. Pizarro teve parte e d'elle aceita honrosamente a responsabilidade que lhe cabe em quanto a paixão facciosa não transpoz a balisa da justiça. Os escrupulos do morgado de Bobeda em politica deviam de parecer singulares n'este paiz! Como fosse deputado em 1837, contando trinta annos, quando as ambições mais impellem e a rasão pôde menos contra ellas, o sr. Ignacio Pizarro, sósinho contra os desatinos governamentaes, depoz nas mãos do soberano o mandato, retirou-se da camara e nunca mais quiz acceitar procuração a côrtes. Facto original e unico.

O ponto da biographia que deixei menos tratado foi o da stirpe nobre do sobrinho e herdeiro do general Pizarro, visconde de Bobeda. Menos propria é hoje a occasião para incorporar entre virtudes reaes as do nascimento pouco menos de chimeri-

cas, já agora que tanto monta como não tel-as, se as adquiridas não renovam o fôro da fidalguia herdada, ou — e melhor será — se o dinheiro as não dispensa todas. Como quer que seja, Ignacio Pizarro é morto: o ramo que bracejou em flores e fructos de illustre e honrado tronco está sêcco. Não vale nada á sua memoria o engrandecimento pelas commendas, que lhe não deram tanto lustre como a somenos trova do seu *Romanceiro*. Que elle procedesse do celebre Pizarro conquistador do Perú dizem-n'o os tratadistas genealogicos; eu, porém, se lhe procurasse os avós, ser-me-ia mais grato enconral-os entre os Sás de Miranda, Bernardes e Andrades.

Assim que o meu amigo falleceu reli as suas cartas e em uma datada em Chaves aos 8 dias de maio de 1865 encontrei os seguintes periodos:

«... Só o ignorante pôde dizer em seu coração «que não ha Deus. E essa ignorancia é a maior de «todas as enfermidades, porque priva da melhor de «todas as medicinas — a Esperança; porque affu- «genta o melhor dos medicos — a Caridade.

«Crer, esperar e amar é a trindade do coração; «é o espelho da trindade de Deus.

«V. biographou-me como amigo das letras; en- «careceu os meus pobres trabalhos litterarios; con- «trahiu quasi obrigação de completar a minha bio- «graphia, quando lhe chegar a noticia do meu pas- «samento. Quero dar-lhe apontamentos para en- «tão.

«Fui educado até quasi oito annos em Villa do

«Conde em casa de minha virtuosa tia D. Luiza
 «Pizarro, por um padre francez emigrado aos furo-
 «res da revolução, Mr. Philippe Joseph Bellardant.
 «Aprendi a ler pela biblia portugueza e pela fran-
 «ceza o francez. A biblia franceza era illustrada
 «por magnificas gravuras, que elle me explicava ao
 «passo que eu lia a pagina correspondente, e não
 «me deixava ver as gravuras seguintes sem primei-
 «ro ter lido o texto. Com que anciosa curiosidade
 «eu desejava ver as gravuras todas! E era tanta a
 «bondade e paciencia d'aquelle santo confessor,
 «que, quando me levava a passear ás praias do
 «oceano, com a ponta da bengala desenhava na
 «areia o esboço da gravura que eu tinha visto na
 «ultima lição. Ainda me lembro com as lagrimas
 «nos olhos de um d'esses desenhos na areia: a mor-
 «te de Saul.

«Este sacerdote não completou a minha educa-
 «ção, porque me mandaram aos oito annos para o
 «collegio dos nobres, de Lisboa, porque me desti-
 «navam á universidade e elle pronunciava o latim
 «á franceza. Educou elle depois o actual conde da
 «Graciosa e seus irmãos. Dignos discipulos.

«A educação no collegio dos nobres era, n'esse
 «tempo, desde 1815 a 1820, tempo que lá estive,
 «o mais religiosa possivel. Fui em julho de 1821
 «para Coimbra; e, como só tinha treze annos, fui
 «entregue a um padre, bastardo da minha familia,
 «que, apesar dos seus poucos annos, era o modelo
 «dos padres. Ali, até 1826, li muitos livros maus.

«As crenças da infancia foram abaladas, mas não

«destruidas. Felizmente, a leitura de Chateaubriand
 «veio pouco depois restituir-me a fé, descendo da
 «cabeça ao coração onde nascera. Depois, não tem
 «entibiado. Creio; e a minha fé provei-a em todos
 «os meus pobres escriptos. O *Engeitado*, dediquei-o
 «às irmãs da caridade. Em 1837 votei, como Cha-
 «teaubriand em 1816, ácerca da dotação do clero.
 «Em 1841, nos folhetins da *Revolução de Setembro*,
 «expuz o quadro da morte de um *Egresso, expulso*
 «como V. lhe chama. O *Pagem de D. Diniç* cele-
 «bra a virtude de Santa Isabel, etc. Se fui severo
 «contra os jesuitas, no *Martim Affonso de Lucena*
 «não fui injusto: segui a opinião do conde da Eri-
 «ceira, no seu *Portugal restaurado*. Se mil desgos-
 «tos me não tivessem estalado as cordas do alau-
 «de, teria escripto para os meninos o *Romanceiro*
 «da *Infancia*. Em lugar das fabulas de Lafontaine,
 «vertidas por Curvo Semedo, dar-lhe-ia as biogra-
 «phias dos santos portuguezes — elches em Marro-
 «cos —, cujo martyrio nos conta singela mas ele-
 «gantemente Duarte Nunes de Leão na sua *Des-
 «cripção do reino de Portugal*, obra rica de noti-
 «cias.

«Desculpe, meu bom amigo, a extensão d'esta
 «carta: é o meu testamento religioso, e n'elle qui-
 «zera instituir por herdeiro universal o genero hu-
 «mano e a V. por meu testamenteiro. Se um não
 «acceita a herança, estou certo que V. não regeita
 «a testamentaria.....»

A 8 de maio de 1865 me enviava estas ingenuas

palavras o bom e leal coração que deixou de pulsar no dia 17 de maio de 1870.

Afastara-se cedo dos pontos de luz onde a admiração ou a inveja fita os olhos. Sobrava-lhe capacidade para hombrear na primeira plana dos homens uteis: não quiz. Escondeu se, apalpando a escuridão da morte, que já lhe tinha envolto o nome nas sombras do esquecimento. Alguns correspondentes de Chaves deram a noticia do seu trespassse. Parte da imprensa, se não ignorava quem fosse Ignacio Pizarro de Moraes Sarmiento, tinha os typos todos, e as tarjas, e os emblemas mortuarios occupados nas magestosas descripções do funeral do actor Tasso.

Não importa, meu honrado amigo. Quizeste a vida obscura: assim te foi a morte. Dizem-me que os pobres choram por ti. Santas e magestosas exequias são essas das lagrimas que te recompensam a caridade com que enchugaste muitas:

8 de julho de 1870.

LEITURA CONSOLADORA